

LISA VERGE HIGGINS

as
cores *da*
amizade

Tradução de Gabriela Pilkington

CAPÍTULO UM

Kate Jansen perdeu toda a coragem no preciso momento em que o ruidoso Cessna se elevou no ar.

O avião estremecia por todos os lados. Agarrou-se firmemente ao cinto de segurança. Olhou pela janela suja e vislumbrou Jo e Sarah – as suas duas melhores amigas no mundo – lá em baixo, a imagem delas cada vez mais pequenina à medida que a distância aumentava.

– Vá, não se aflija com esta barulheira toda, Miz Jansen – berrou Bubba, dando pancadinhas leves na parede do avião. – Já voei com esta velha amiga mais de 100 vezes e ela nunca me deixou ficar mal.

Kate lançou um olhar furioso ao instrutor de paraquedismo. Estava sentado de frente para ela e, vestido com um macacão preto e azul, parecia uma mosca mutante gigantesca. Tinha passado as duas últimas horas no único hangar do aeroporto a atirá-la de plataformas sucessivamente mais altas para cima de colchões grossíssimos, com o objetivo de lhe ensinar as técnicas adequadas para o momento da queda. Tinha-lhe prometido que o salto faria com que ela superasse o medo das alturas, o medo de voar, *todos* os seus medos. Tinha-lhe prometido que a experiência mudaria a sua vida por completo.

Que diabo estou eu a fazer?

Respira. *Respira*. Ia correr tudo bem. Só podia. A sua amiga Rachel Braun havia feito aquilo 1036 vezes. Sozinha. Mas ela ia saltar com

Bubba agarrado às costas, preso com ganchos em seis pontos diferentes. Cada gancho suporta até 100 quilos, dissera-lhe ele, e, se quatro deles rebentassem durante a queda livre em direção ao solo... bem, uma coisa tão leve como ela não tinha nada com que se preocupar.

O avião inclinou-se subitamente. Kate largou o nó que tinha dado no cinto para se segurar e agarrou-se à tábua tosca de contraplacado onde estava sentada. Dezenas de pequeninas farpas espetaram-se-lhe nas palmas das mãos.

Estava capaz de matar Rachel Braun por causa disto. E mataria – se Rachel já não estivesse morta.

O avião deu um solavanco ao ganhar altitude de repente e ela olhou desorientada em seu redor, na tentativa de encontrar salvação – uma fuga, uma saída que não passasse por ter de saltar do avião. O seu olhar fixou-se num crucifixo de prata, que baloiçava no rosário que o outro paraquedista segurava nas mãos. Chamava-se Frank, dissera-lhe Bubba, e era um monge franciscano que fazia alguns saltos por ano.

Apavorada, perguntou-se se um monge poderia ouvir confissões.

Mas o que tinha ela para confessar? Ela adorava a vidinha que tinha. Trinta e nove anos, três filhos e uma casa confortável com um sistema de aquecimento pouco fiável e paredes de estuque a escamar. A sua vida transbordava de reuniões de associações de pais e professores e feiras de artesanato de Natal para angariar fundos para obras de caridade. Aos domingos, fazia pão, batendo a massa com as mãos enfarinhadas. Ano sim, ano não, lá ia fazer uma caminhada de 30 km em prol da obra de beneficência de Sarah.

Acima de tudo, adorava os seus filhos, cujos rostos era capaz de evocar como se fossem espíritos. Tess, tentando ser *cool* ao mesmo tempo que chuchava numa madeixa de cabelo, com o casaco de capuz esfarrapado colado às costelas; Michael, temperamental, sombrio e absorto, como Heathcliff. E Anna, a pequena Anna, que dava beijinhos molhados como faíscas.

Acabara de assinar, há duas horas apenas, um contrato de 15 páginas que ilibava todo o *universo* de qualquer responsabilidade por dano de propriedade, lesão corporal ou perda de *vida*. Impedia até que alguém fizesse perguntas sobre a sua morte – morte que afetaria os seus três pequenos beneficiários e também o seu marido, e nenhum deles fazia

ideia de que ela, nesse momento, estava a aproximar-se de uma nuvem *cúmulo* a um quilómetro do solo.

O fotógrafo levantou-se de repente. Agarrou o manípulo da porta do lado oposto ao do piloto e deu-lhe um puxão para a abrir, fazendo entrar, de rajada, a luz do sol e um vento gelado.

Ómeudeus. Ómeudeusómeudeus...

– Não me vai falhar agora, Miz Jansen, pois não? – gritou Bubba por cima do barulho do motor do avião. – Vamos rever os procedimentos mais uma vez.

Não sou capaz de fazer isto.

– Lembre-se: respire pelo nariz.

Tenho três filhos para ir buscar à escola hoje à tarde.

– Vamos prender-nos um ao outro, depois caminhamos até ao rebordo da porta e é então que damos o salto. – Bubba aproximou-se para que ela pudesse ouvi-lo com clareza. – Em seguida, deve colocar-se imediatamente na posição de arco.

O monge franciscano levantou-se, colocando as palmas das mãos em ambos os lados da porta do avião. Gritou qualquer coisa por cima do ombro e, depois, fez o sinal da cruz. As folhas do bloco de notas do piloto abanaram e duas delas foram arrancadas e levadas pelo vento.

Frank tinha desaparecido.

Mas que merda!

– Vamos lá, Miz Jansen. – Bubba sorria abertamente enquanto se inclinava sobre ela e lhe desapertava o cinto. – Está na hora.

– Não... – O vento sugou-lhe a palavra da boca. – Não...

Mas Bubba não a ouviu. Içou-a com as mãos desajeitadas e rodou-a como se fosse tomá-la pelas costas. Ela teve alguma dificuldade em falar ao mesmo tempo que os joelhos lhe cediam, tentando mentalizar-se encostada à parte de trás do avião, enquanto ele a pressionava com o seu corpo alto e musculado e a prendia a si mesmo... Seis pequenos ganchos.

Ela forçou o ar a passar-lhe pela garganta. – Eu... mudei de ideias.

– Dez minutos. – Ele encostou-se a ela. – Daqui a dez minutos estaremos no solo.

O pé de Kate escorregou para dentro da ranhura onde os bancos do avião tinham, um dia, estado presos. Algo explodiu dentro dela, lançando faíscas até aos pontos mais extremos do seu corpo, transformando-a num

novelo de pavor, preso por seis pequenos ganchos. Agarrou-se a uma viga de metal por cima de uma janela e gritou: – Você disse... que eu podia mudar de ideias.

– Não se vai acobardar, pois não, Miz Jansen?

– Eu sou só... uma dona de casa!

– Neste preciso momento, é uma mulher atrevida de 39 anos – bradou ele –, com um tipo corpulento agarrado às suas costas.

– Eu tenho três filhos...

– Parabéns. Com uns abdominais assim, deve ser uma atleta e tanto.

– ... tenho responsabilidades. – Ela não conseguia respirar bem e toda aquela gritaria estava a magoar-lhe a garganta. – Tenho obrigações. Mas a Rachel morreu... está *morta*.

Rachel, Rachel, por que me pediste para fazer isto?

– Ei! – ladrou o piloto. – Estamos a sobrevoar o alvo! Saltem!

– Miz Jansen, tem de tomar uma decisão *já*.

– A Rachel... a Rachel morreu – balbuciou Kate, sentindo o corpo a tremer. – O que a carta devia ter era as instruções para o funeral: as canções obscenas para cantar durante a cerimónia. Não... não *isto*.

Bubba gritou: – Vai desistir?

Sim!

– Tem a certeza?

Sim!!

Bubba soltou um suspiro tão profundo que a fez subir e descer contra o seu peito.

– OK – disse ele. – Ficamos por aqui.

Kate calou-se. Continuava a agarrar a viga de metal, agora escorregadia por causa do suor. Ouvia a sua própria respiração e sentiu a ligeira inclinação do avião. – A sério?

– Ah, sim. A sério. – Bubba manejou os ganchos. Falou-lhe ao ouvido para se fazer ouvir sem ter de berrar. – Acha que é a primeira pessoa a desistir, querida? Nada disso. Isto está sempre a acontecer. – Libertou o primeiro gancho. – Especialmente com mulheres como você. Aquelas que, quando chegam aos 40, olham em pânico para o passado. Achrom que se saltarem de aviões vão recuperar a juventude perdida. E isso nunca acontece.

– Eu tenho... três filhos.

– Pois, já disse. É pena que não tenha saltado. Eles iam olhar para si de uma maneira totalmente diferente.

– Mas é bem melhor a mãe deles estar cá para os ver – retorquiu ela. Endireitou-se, afastando-se do ribombar cortante da voz dele. – É bem melhor estar com os pés no chão, a são e salvo...

– Ah, claro – disse ele. – Assim, pode voltar a assistir aos jogos de futebol dos pequenos. Abrir a cadeirinha portátil e, com um cafezinho na mão, contar às outras mães como foi que *quase* saltou de um avião.

Ah, se vou.

– E, quando acabar, pode voltar para casa e limpar o pó às molduras ou, talvez, limpar uma casa de banho. Ou pensar em como vai cozinhar o frango para o jantar. Marcar a revisão do seu carro. Talvez pôr roupa na máquina de lavar. Afinal de contas, tem de conseguir tirar a nódoa dos calções do futebol do mais novo. Ouvi dizer que o segredo está em usar TIDE com lixívia.

Pare.

Não precisava de ouvir tudo aquilo. Via tudo muito bem, tão claramente como via os pequenos aglomerados de nuvens pela janela. Ó se via: o desenrolar daqueles longos anos, marcados por mais umas férias na casa da praia e mais um projeto envolvendo palitos e rolos de papel higiênico, ou mais um concerto do grupinho de música da escola básica guinchando uma canção infantil. Sempre com um sorriso na boca. Sim, é divertido; sim, isto é que é vida; sim, somos infinitamente abençoados. Um ano passa atrás do outro com a previsibilidade de um relógio e as únicas coisas que mudam são a altura dos filhos, a calvície do marido e o tamanho do seu próprio traseiro.

– Ouça cá, seu idiota – berrou ela por cima do ombro –, pare lá com essa treta de psicologia invertida. Sou dona de casa, é verdade, mas pode ter a certeza que é muito melhor ocupar o meu tempo como dona de casa do que a arrefecer numa morgue.

– Como a Rachel?

Bubba libertou outro gancho com um puxão. Bem que podia tê-lo tirado a ferros da carne dela. Deixou-a sem palavras. Chocada. À procura de alguma coisa para dizer.

E a não conseguir encontrar.

Nesse momento, pressentindo a vulnerabilidade dela, ele comprimiu o seu corpo contra o dela. Encostou-lhe a face por barbear ao cabelo. – O que acha que a sua amiga daria para estar aqui em cima outra vez, Kate?

Kate sabia a resposta. Rachel vivia para momentos como este, fazia sacrifícios enormes para sentir a adrenalina. Sacrifícios com os quais Kate nem sempre tinha concordado.

Mas tudo isso acabara. Todas as possibilidades, para o bem ou para o mal, tinham desaparecido para sempre.

O piloto gritou: – Última oportunidade, Bubba.

Última oportunidade.

O avião desceu a pique. O vento colou-lhe o macacão às pernas. Kate Jansen cravou o olhar no azul dos céus, lá fora, e no solo, lá em baixo e tão longe. Olhou para cima, para o firmamento. Não sabia se deveria rogar pragas a Bubba ou a Rachel, ou a ela mesma, maldita, pela tolice que estava prestes a fazer.

Bubba falou pela última vez.

– Como é... querida dona de casa?